



A UNIVERSIDADE, A ESCOLA E O MUSEU: PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

ÉRIKA OLIVEIRA AMORIM¹

Resumo

O presente texto aborda as especificidades de um projeto de extensão universitária que envolveu estudantes de graduação dos cursos de História e Turismo da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Carangola, e que foi desenvolvido em dois momentos distintos. No primeiro momento realizou-se uma oficina sobre Memória, História e Patrimônio Histórico com alunos do 9º ano da E. E. João Belo de Oliveira. No segundo momento os alunos visitaram o Museu de Carangola, assessorados pelas acadêmicas, com o intuito de problematizar a noção de memória e patrimônio histórico. A observação simples foi a ferramenta utilizada durante as ações do projeto e os registros se concretizaram por meio de fotografias, filmagens e cadernos de campo. Observou-se que ao pensar o ensino de história a partir das relações que os indivíduos têm com a história materializada no acervo do museu abre-se um campo de possibilidades sobre o sentido de estudar História.

Palavras-chave

Educação patrimonial, museu, patrimônio, memória, ensino de História.

¹ Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola (FAFILE/UEMG), Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Professora nos cursos de História e Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Carangola.

Abstract

This paper is about the specifics of a university extension project which involved graduate students of History courses and Tourism of the University of Minas Gerais (UEMG), Carangola unit, which was developed at two different times. At first there was a workshop on Memory, History and Heritage History with 9th graders EE John Belo de Oliveira. In the second stage, the students visited the Carangola Museum, assisted by academic, in order to discuss the notion of memory and heritage. Simple observation was a tool used during the project actions and records were realized through photographs, films and field notes. It was observed that in thinking the teaching of history from the relationships that individuals have with the history embodied in the museum's collection opens up a field of possibilities on the meaning of studying history.

Keywords

Heritage education, museum, heritage, memory, history teaching

Introdução

As cidades são espaços dotados de significações e memória. Guardam objetos que remetem a algum fato ocorrido, mesmo que caia no esquecimento de uns ou no silenciamento de outros. Os espaços das cidades representam lugares de memória² em suas múltiplas manifestações, seja pela dimensão de monumentalidade, seja pela memória de um tempo que se foi. Compõem o patrimônio material e imaterial de um povo. Material com relação aos traços visíveis nos espaços edificados: prédios, ruas, avenidas e praças. Espaços de reconstruções, de paisagens urbanas, sociais e culturais. No sentido da imaterialidade, as cidades apresentam como patrimônio seus mitos, suas lendas, seus sons, suas crenças, e por isso, representam locais com potencialidades para o trabalho de formação da consciência histórica.

² Pierre Nora (1981)

As vivências em espaços das cidades, como os museus, revelam não apenas a diversidade cultural de seu povo, mas também a diversidade temporal. Ramos (2004) afirma que o museu deve ser o local onde todos nós refletimos sobre o patrimônio cultural do qual fazemos parte e pelo qual somos responsáveis. Assim, inspira reflexões sobre o passado, o presente e a condição de ser no mundo.

Na pesquisa em questão o foco é a ação educativa em museus voltada para o público escolar. O trabalho de extensão possibilitou aos graduandos e aos jovens estudantes do ensino fundamental a inserção no processo de resgate cultural e patrimonial. O viés interdisciplinar do projeto demonstra a indissociabilidade entre Pesquisa, Ensino e Extensão, uma vez que permitiu aos discentes da UEMG desenvolver habilidades teóricas no contato direto com campos nos quais poderão atuar profissionalmente, como a escola e o museu, e produzindo ciência ao compartilhar os resultados da pesquisa em periódicos.

1. Educação patrimonial

A educação em museus visa à preservação do patrimônio cultural e natural, através da participação crítica de toda a população. Neste sentido considerou-se a Educação Patrimonial como metodologia de ação educativa tendo em vista que alguns museus brasileiros vêm utilizando-a há décadas (ALMEIDA, 1997).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) concebe educação patrimonial como:

todos os processos educativos que primem pela construção coletiva do conhecimento, pela dialogicidade entre os agentes sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras das referências culturais onde convivem noções de patrimônio cultural diversas. (Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=15481&retorno=paginaIphan>. Acesso em: 14 dez. 2014)

Grunberg (1995) define Educação Patrimonial como ensino centrado nos bens culturais, com metodologia que toma estes bens como ponto de partida para desenvolver a tarefa

pedagógica. Dentro dessa perspectiva o museu é colocado como parte da vida comunitária e local onde se preserva a memória (ALENCAR, 1987).

Segundo Almeida (1997) a proposta de Educação Patrimonial prevê a percepção/observação, motivação, memória e emoção, processo desenvolvido em três etapas: identificação do bem cultural (observação e análise); registro do bem cultural (atividades de registro da identificação) e valorização e resgate (interpretação e comunicação do observado e registrado).

De maneira a contemplar as três etapas propostas pela metodologia da Educação Patrimonial, o projeto de Extensão “A universidade, a cidade e nós: memória e patrimônio nos caminhos de investigação” buscou, primeiramente, discutir com os alunos os conceitos de memória e patrimônio. Esse momento de discussão e aproximação com a teoria ocorreu durante a realização da oficina e teve como objetivo preparar os estudantes para a observação e análise dos bens culturais encontrados no museu.

Na ocasião da visita os discentes puderam de fato realizar as observações e ter contato com os objetos expostos. Foi o momento onde fizeram apontamentos e estimularam a imaginação. Nesta etapa a memória é fundamental, pois registra a experiência vivida e estabelece laços do que foi vivenciado com o lugar visitado. Além disso, causa emoção e possibilita o envolvimento do educando ao criar vínculos afetivos ao processo de ensino-aprendizagem.

A educação patrimonial pode exercer papel decisivo no processo de afirmação de identidades e para que, como afirma Freire (2011), as pessoas se assumam como seres sociais e históricos, como seres pensantes, transformadores, realizadores de sonhos.

Dentro da concepção *freireana* de compreender a cultura como mediação, ou seja, como forma de contribuir para a conscientização dos homens sobre seu papel de sujeito, se cria uma educação libertadora. Nesse sentido, a educação patrimonial possibilita a construção de uma nova relação entre a população e seu patrimônio cultural.

Há que se levar em conta que, segundo pressupostos de uma educação emancipatória, o questionamento sobre os diversos tipos de patrimônios existentes, sobretudo no Brasil, é tarefa da Educação Patrimonial. Portanto, é fundamental considerar o patrimônio no contexto dos

processos sociais em que foram produzidos superando a visão acrítica dos mesmos, ou seja, evitar *fetichizar*³ (Scifoni, 2012) o patrimônio.

2. Museu e escola: espaços de construção do conhecimento

Os museus, grandes ou pequenos, constituem importantes espaços de aprendizagem, contribuindo significativamente para o conhecimento, o respeito e a valorização do patrimônio sócio-histórico e cultural dos povos.

Selva Guimarães

O ensino de História além do ambiente escolar tem sido discutido enquanto alternativa para expandir o processo de ensino-aprendizagem. Ao ultrapassar os muros da escola os alunos conhecem outros espaços e podem refletir sobre seu cotidiano. Assim entendem que a história também se faz fora da sala de aula e que as praças, monumentos, construções e museus contam sobre o lugar onde vivem.

Ao visitar um museu histórico os alunos percebem como a história se materializa nos objetos e preservam a memória de um povo. A experiência com os objetos e o acervo do museu desperta a curiosidade e a vontade de saber dentre os estudantes.

A relação escola-museu encontra-se em processo de transformação (SIMAN, 2003). Segundo a autora:

No atual momento, podemos dizer que tanto a cultura escolar, quanto a cultura museológica encontram-se em processo de transformação. Novas práticas baseadas em novas concepções do que seja o ato de ensinar e aprender e o ato de preservar e comunicar vem contribuindo para a redefinição do papel de ambas as instituições (SIMAN, 2003: 190).

³ Fetichizar o patrimônio, segundo Scifoni (2012) significa vê-lo como coisa em si mesmo, autônoma e independente dos processos que constituíram. A fetichização serve assim, aos propósitos de ocultar os sujeitos do trabalho e também as relações conflituosas e de dominação que envolvem a sua produção, tornando-o um objeto aparentemente neutro.

As atividades do projeto de extensão buscaram promover o contato com o patrimônio local no sentido de fazer com que a educação de história despertasse nos alunos o reconhecimento de si no mundo. O contato com o acervo e a experiência de aprendizagem no Museu possibilita o desenvolvimento do pensamento histórico dos educandos.

Ramos (2004) afirma que o museu deve ser um espaço onde todos nós refletimos sobre o patrimônio cultural do qual fazemos parte e pelo qual somos responsáveis. Assim, inspira reflexões acerca do passado, do presente e da condição de ser no mundo. Nesse sentido, a visita objetivou trazer aos estudantes o contato com a história do lugar onde vivem. Ademais, buscou-se também demonstrar que a cidade, assim como considera Gadotti (2006) é espaço de cultura onde numa troca de saberes e competências a escola, a cidade e seus espaços se educam.

Dessa forma, ao provocar nos alunos a curiosidade pela cidade e seus espaços cria-se o despertar para a relação entre escola e cidade. Nesse processo, os educandos percebem nos espaços urbanos – praças, calçadas, ruas – e nos centros de difusão culturais – museus, teatros – territórios educativos. Ampliam, então, a experiência formativa vivenciada dentro do âmbito escolar.

3. A extensão universitária e o ensino de história

O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.

Paulo Freire

Historicamente a extensão no Brasil viveu basicamente quatro momentos. Perpassou pelo momento de transmissão vertical do conhecimento; a ação voluntária sócio-comunitária (o voluntarismo); a ação sócio-comunitária institucional e o acadêmico institucional.

Segundo Freire (2006), a extensão praticada de forma vertical desconhece a cultura e o saber popular e se apresenta como detentora de um saber absoluto. Para ele esse modelo de extensão, ao desconhecer a cultura da população a quem se destina, torna-se antidialógico e manipulador.

O modelo de ação voluntária sócio-comunitária (o voluntarismo) dá à extensão a natureza meramente político/ideológica, mas representa também o início de uma tomada de consciência da necessidade de mudanças na forma de atuação das Universidades, em sua relação com a sociedade. Contudo Freire considera que este modelo representa avanços quando passa a considerar a cultura e o saber local.

Freire avalia que a extensão enquanto ação sócio-comunitária institucional representa normatização, pois há a institucionalização da extensão centrada na forma de oferta de cursos e a difusão do conhecimento. Assim, estabelece-se uma via de “mão única” de uma Universidade que sabe para uma comunidade que não sabe. Esta extensão é tomada por um caráter redentor, messiânico como disserta Freire.

À partir dos anos 80 surge o momento da extensão chamado de acadêmico institucional quando as idéias e práticas de Paulo Freire passam a fundamentar os conceitos e práticas da Extensão Universitária no Brasil. Dessa maneira, a atuação extensionista passa a ser vista como um processo educativo estabelecendo uma via de mão dupla entre universidade e comunidade na qual Ensino e Pesquisa se articulam de forma indissociável.

Seguindo essa concepção a atividade extensionista permite uma troca de saberes entre o popular e o acadêmico de forma democrática e integrando a realidade social da comunidade. Com as atividades do projeto de extensão desenvolvido na UEMG não foi diferente: a relação entre a universidade e a comunidade na qual está inserida concede uma dinâmica dialética na qual os estudantes dos cursos de graduação reconhecem o conhecimento dos estudantes do ensino fundamental, tais saberes são apropriados e um novo saber é construído.

Durante a elaboração do projeto pensou-se em aliar ações extensionistas à práticas voltadas para o ensino de História. O objetivo principal era possibilitar aos alunos o contato com documentos, monumentos e vestígios, extrapolando as discussões teóricas realizadas em sala de aula. Essas ações envolviam e incluíam tanto os discentes da graduação quanto os alunos do

Ensino Fundamental, tendo em vista que uma das principais funções do trabalho de extensão é proporcionar a construção desse conhecimento coletivo.

Diferentes atores sociais foram envolvidos na implementação da oficina e na visitação ao museu: poder público (na disponibilização do transporte dos alunos da escola para o museu); supervisor escolar (adequando a data da oficina ao planejamento pedagógico da escola) e gestor escolar (responsável pela autorização da realização da oficina bem como pela saída dos estudantes do recinto da instituição para o museu). Dessa maneira, o trabalho realizado no projeto provocou o protagonismo de todos, seguindo o que Gadotti (2006) disserta como pressuposto para que uma cidade seja considerada educadora. Nesse sentido o autor afirma ainda que:

a comunidade educadora reconquista a escola no novo espaço cultural da cidade, integrando-a a esse espaço, considerando suas ruas e praças, árvores, bibliotecas, seus pássaros, cinemas, bares e serviços, bares e restaurantes, teatros, suas igrejas, empresas e lojas... enfim, toda a vida que pulsa na cidade. A escola deixa de ser um lugar abstrato para inserir-se definitivamente na vida da cidade e ganhar, com isso, nova vida. Ela se transforma num novo território de construção da cidadania (GADOTTI, 2006: 135).

O ensino de História ganha muito quando extrapola os muros da escola e agrega ao livro didático a cultura material contida nos museus. Ele representa o importante papel de preservar, mesmo que sejam instituições pequenas, constituindo acervos de determinados grupos ou campos de saber. São espaços de aprendizagem que contribuem significativamente para a construção do conhecimento, o respeito e a valorização do patrimônio sócio-histórico e cultural dos povos.

O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) destaca que:

o universo da cultura, o museu assume funções as mais diversas e envolventes. Uma vontade de memória seduz as pessoas e as conduz à procura de registros antigos e novos, levando-as ao campo dos museus, no qual as portas se abrem sempre mais. A museologia é hoje compartilhada como uma prática a serviço da vida. O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. (Disponível em <http://www.museus.gov.br/os-museus/>. Acesso em: 10 fev. 2015).

Assim, o museu é visto como um palco de descobertas, campo de pesquisas, provocador de percepções e interpretações do que foi vivido promovendo releituras do tempo presente. Um dos intuitos do projeto foi o de provocar nos alunos a desconstrução da ideia de que o museu preserva aquilo que é morto, estático, passando de uma história mumificada para a uma história multiplicada. (PEREIRA & SIMAN, 2009).

Outro viés pelo qual o projeto se preocupou foi o de evitar que o museu fosse compreendido pelos estudantes como lugar exclusivamente turístico ou de lazer, como qualquer outro dessa natureza. Problematizou-se que uma visita a um museu acompanhada ou não de um professor de História, é um ato reflexivo, compreendendo como aquele local contribui para a memória e como se comunica com as gerações que vem e que vão.

O projeto foi pioneiro, na unidade Carangola, ao atuar de forma interdisciplinar nos cursos de História e Turismo. Tendo em vista esse câmbio entre as duas formações procurou-se conscientizar os graduandos de que, tanto os profissionais da História como os do Turismo assumam o desafio do pensamento crítico e da sensibilidade para lidar com os espaços de memória e tudo o que representam para a sociedade.

Observou-se na prática a via de mão dupla da extensão tendo em vista que o conhecimento desenvolvido academicamente no espaço da universidade pode ser compartilhado com os estudantes da rede pública estadual. Essa vivência gerou trocas de saberes entre eles e, especificamente aos graduandos, permitiu que vislumbrassem e vivenciassem seus possíveis campos de atuação profissional: a escola e o museu.

4. Procedimentos metodológicos

A ciência se fundamenta na dialógica entre imaginação e verificação, empirismo e realismo.

Edgar Morin

Segundo Grunberg (1995) a aplicação da metodologia de Educação Patrimonial pode ser feita em qualquer espaço social e com qualquer faixa etária. No projeto em questão o público alvo foi um grupo de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual João Belo de Oliveira, de Carangola/MG. O grupo era formado por 18 alunos na faixa etária entre 14 e 16 anos.

Durante a oficina a pesquisa pautou-se pela técnica da observação direta. Segundo Marconi e Lakatos (2011), a técnica da observação não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. Dessa maneira, durante os encontros - oficina e visitação - foram realizados registros de observações em cadernos de campo bem como em fotografias e filmagens.

Após os encontros, a equipe do projeto se reuniu para analisar os apontamentos feitos. Há registros de diálogos ocorridos durante a oficina de preparação para a visita educativa ao museu, durante o deslocamento da escola ao museu e, também, no momento da visitação.

5. Resultados

Enquanto educadora, a Cidade é também educanda.

Paulo Freire

O projeto foi desenvolvido em dois momentos: 1) uma oficina que precedia a visitação ao museu na qual foram levantadas discussões sobre os conceitos de patrimônio e memória. Nesta etapa os alunos foram preparados a fim de que a visita fosse bem aproveitada. 2) Neste momento foi realizada a visitação ao Museu, com prévio agendamento tanto nessa instituição quanto na escola, respeitando o planejamento pedagógico da mesma.

5.1 A oficina

A turma que participou do projeto era formada por 18 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de Minas Gerais. A oficina foi organizada pela professora coordenadora do projeto de Extensão em conjunto com duas alunas voluntárias dos cursos de História e Turismo.

Os alunos receberam a equipe do projeto com muita apreensão tendo em vista que representavam *outsiders*⁴ para eles, pois tanto a professora quanto as graduandas eram desconhecidas e estavam apresentando uma proposta de trabalho que os alunos ainda não haviam vivenciado.

O contato inicial denotou certa timidez por parte da turma. Após uma dinâmica de abertura os alunos se mostraram mais descontraídos. Um das propostas da oficina foi divulgar um vídeo produzido por estudantes do interior de São Paulo, também alunos de escola pública e da mesma faixa etária que a turma envolvida no projeto. Nesse vídeo os estudantes apresentaram o que entendiam sobre memória e patrimônio e mostravam registros feitos por meio de fotografias de familiares e amigos. Depois da exibição do vídeo iniciou-se um debate sobre os conceitos de memória, patrimônio e educação patrimonial. Outro momento da oficina foi o da elaboração de cartazes ilustrativos nos quais os alunos ilustravam o que compreenderam sobre memória e patrimônio. Observou-se que a maioria dos alunos registrou aspectos pessoais como viagens, primeiro beijo, brincadeiras da infância e família.

Embora a oficina tenha sido elaborada com o objetivo de trabalhar a educação patrimonial do lugar onde vivem foram marcantes os registros de memórias pessoais dos alunos. Talvez tais registros tenham sido influenciados pelo vídeo que assistiram no qual os estudantes apresentaram realidades muito próximas à da turma envolvida na oficina.

No momento das apresentações dos cartazes, um dos apontamentos que mais chamou atenção da equipe do Projeto foi de um aluno que registrou sua família utilizando um recorte de revista. Ao apresentar seu cartaz e ser indagado sobre o que estava representado o aluno respondeu: “*Minha família é meu patrimônio, Dona!*”.

⁴ Expressão utilizada por ELIAS & SCOTSON (2000) para discutir normas de socialização e relações de poder numa pequena comunidade da Inglaterra. Designa aqueles que são recém-chegados ou que não pertencem ao grupo.

Tal fato denota como a vivência pessoal fica registrada na memória destes alunos e como a história de vida é relevante para a formação deles enquanto indivíduo. Mattozi (1998) considera que os jovens assimilam as representações da realidade que adquirem na família e na sociedade e que ambas são suportes para o desenvolvimento do pensamento histórico.

Todavia a oficina não identificou registro relacionado à cultura material e imaterial do lugar por parte dos estudantes. Em nenhum momento, apesar da equipe ter estimulado esse debate, os alunos mencionaram alguma prática cultural ou alguma representação folclórica tampouco registraram como patrimônio algum bem material do lugar, como monumentos ou construções. Essa ausência levou a equipe do estudo a elaborar uma proposta de continuidade do projeto com o objetivo de trabalhar questões voltadas para a cultura material e imaterial do lugar.

Ao finalizar a oficina os alunos questionaram quando seria a visita ao museu e sinalizaram entusiasmo com o fato de sair da escola. Os membros do projeto frisaram que a visita, próxima etapa de ação do trabalho, seria uma aula de História diferente, na qual os alunos iriam conhecer de perto a história do lugar onde residem por meio de documentos, objetos de uso cotidiano, fotografias e monumentos.

Extrapolar o ambiente escolar é um grande desafio aos professores e equipe pedagógica, pois requer planejamento e responsabilidade. Ultrapassar os muros da escola significa aproximar os alunos à realidade e (re)conhecer além do que está nos livros didáticos.

5.2. Da sala de aula para o museu

Durante a organização para a saída da escola percebeu-se o alvoroço e a expectativa pela visita. No deslocamento dos alunos da escola para o museu, apesar de ter sido um trecho de curta distância, pôde-se observar as apreensões dos alunos: “[...] *será que vamos ver uma múmia lá? [risos e gritos]*”. Percebe-se nessa fala como os alunos associam o museu a algo que está morto e até mesmo, como estão distantes da realidade do lugar onde vivem.

Na chegada ao Museu, um dos alunos disse: *“ah, aqui que é o Museu?! Já cansei de passar por aqui e nem sabia que isso aqui que era museu! [risos]”*. A fala do aluno demonstra o desconhecimento de espaços de memória nas cidades e como a educação patrimonial carece de trabalhos e pesquisas. No entanto, alguns alunos fizeram questão de dizer que já haviam visitado ao museu: *“eu já estive aqui quando estudava no 6º ano, dona!”*. *“Eu também!”*, disse uma aluna. Mesmo assim, a maioria dos alunos ainda não conhecia o museu.

Durante a visita os alunos estiveram atentos às explicações dadas pela guia do museu. Essa etapa do projeto possibilitou, ainda, aprendizado para as graduandas de História e Turismo. Viveram a experiência de acompanhar os alunos numa atividade extra-classe bem como organizar uma visita guiada a um espaço que além de ser turístico é um local de problematização, de preservação e, também, de construção histórica.

Nos percursos entre a escola e o museu e do museu de volta à escola notou-se que os alunos da E.E. João Belo de Oliveira absorveram as noções de patrimônio levantadas quando das oficinas. Foram comuns as frases de que *“é importante preservar nossa história”* e que *“era legal sair da escola e ver o que os livros trazem”*.

Observou-se que a visita representou para os alunos do 9º ano um momento de aprendizado sobre Carangola. Possibilitou que ressignificassem suas noções sobre as relações com a cidade, despertando olhares e fazeres desconhecidos ou até mesmo, relegados. O contato dos alunos com o acervo do museu reforça o que Halbwachs (1990) afirma no tocante aos quadros sociais que configuram a construção de memórias e/ou de esquecimentos: criam circunstâncias de pertencimento.

6. Considerações finais

Este trabalho problematizou as ações do projeto de Extensão desenvolvido pela UEMG, unidade Carangola, intitulado *“A universidade, a escola e o museu: memória e patrimônio nos caminhos de investigação”*. Buscou-se demonstrar como a tríade Ensino-Pesquisa-Extensão pode representar ganhos para a comunidade. Neste caso em especial, a equipe integrante do projeto

teve como enfoque a extensão dos estudos desenvolvidos na academia para a comunidade, especificamente inserindo alunos da rede pública estadual nesta dinâmica.

Pensar o mundo fora da sala de aula é um dos pressupostos do ensino de História. Demonstrar ao aluno que a história também se faz fora dos muros da escola e que o passado se faz presente nos monumentos, nas festas cívicas, nas fotografias e nos objetos que compõem o acervo dos museus pode se tornar um grande laboratório de estudo e aprendizagem em história. Despertando essa percepção, os alunos podem desenvolver capacidades e habilidades para questionar aos homens de outros tempos sobre como viviam e compreender que os homens do passado também fazem parte da sua história.

Para as graduandas a elaboração das atividades da oficina possibilitou o contato com a realidade da sala de aula em uma escola pública bem com o patrimônio material. Ademais, organizar uma visita guiada a um museu significou uma oportunidade de vislumbrar campos de trabalho, no caso da aluna do curso de Turismo, e o desenvolvimento de metodologias de trabalho, no caso da aluna do curso de História. Tais fatos indicam uma das potencialidades do projeto ao unir estudantes de História e Turismo. Os dois cursos desenvolvem olhares diferentes para a visitação a museus e a elaboração de atividades em conjunto possibilita ir além do olhar apenas turístico da visitação ao museu. A principal discussão levantada junto às alunas dos cursos de graduação foi a de buscar evitar que o museu se transforme apenas em um espaço turístico. A visitação a um museu vai além: é um ato de reflexão e análise sobre o que é aquele espaço, o conhecimento de diferentes culturas materiais, suas atividades, seus valores e suas relações com as pessoas. É um local de pensamento crítico, de indagações, de problematização de discursos e documentos. Nesse sentido, as graduandas puderam colocar em prática os conhecimentos adquiridos na universidade e vivenciaram de fato o que é fazer extensão e como incluir a comunidade no processo de construção do conhecimento.

7. Referências bibliográficas

ALENCAR, V. *Museu-Educação: se faz caminho ao andar...* . Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da PUC-RJ, 1987, p. 31 (Dissertação de Mestrado).

ALMEIDA, A. M. Desafios da relação museu-escola. *Comunicação & Educação*, São Paulo (10): 50 a 56, set./dez., 1997.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993, p. 23.

_____. *Extensão ou Comunicação*. 13ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. *Cadernos Cenpec / Nova série*, [S.l.], v. 1, n. 1, Mai. 2006. ISSN 2237-9983. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160>>. Acesso em: 13 Fev. 2015.

GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados*. 13ª edição. Campinas: Papirus, 2013.

GRUNBERG, E. *Educação Patrimonial*. Utilização dos bens culturais como recursos educacionais. (Apresentado no Encontro de Museus do Mercosul), São Miguel, RS, 1995.

HALBAWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão [et al.], 7ª edição. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas, 2011.

MATOZZI, Ivo. A história ensinada: educação cívica, educação social ou formação cognitiva. *In.: Revista O Estudo da História*, Braga, n. 3, 1998.

MORIN, Edgar. Epistemologia da Ação. O desafio da complexidade. *In.: Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p.107-115 e p. 175-193

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *In.: Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo: 1981.p. 7-28.

PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro. Andarilhagens em Chão de Ladrilhos. In.: FONSECA, Selva Guimarães (Org.). *Ensinar e Aprender história: formação, saberes e práticas educativas*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. p. 277-295.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

SCIFONE, Simone. Educação e Patrimônio Cultural: reflexões sobre o tema. In.: *Educação Patrimonial: reflexões e práticas*. Átila Bezerra Tolentino (Org.). João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Práticas culturais e práticas escolares: aproximações a especificidades no ensino de história. *História & Ensino: revista do laboratório de ensino de história*, Londrina, v.9, p. 185-203, out. 2003.